

Os subfalares do Norte do Brasil e o traçado das vogais médias pretônicas

Jacyra Andrade Mota

Universidade Federal da Bahia / Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (Brasil)
jacymota@ufba.br

Paulo Henrique de Souza Lopes

Universidade Federal da Bahia / Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura / Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (Brasil)
phsoulopes@gmail.com

Recibido o 26/07/2016. Aceptado o 20/10/2017

The sub-dialects of the North of Brazil and the trace of unstressed mid vowels

Resumo

Neste artigo, discute-se a proposta de divisão dialetal de Nascentes (1953) em dois subfalares do Norte (o *amazônico* e o *nordestino*), a partir do timbre aberto ou fechado das vogais médias pretônicas, confrontando-a com dados atuais, que integram o *corpus* do Projeto *Atlas Linguístico do Brasil* (ALiB), referentes às capitais. Para a análise, consideraram-se as respostas aos questionários Fonético-Fonológico (QFF) e Semântico-Lexical (QSL), aplicados a 120 informantes, oito por localidade, distribuídos pelas seis capitais da região Norte e pelas nove capitais da região Nordeste, estratificados quanto à faixa etária, sexo e nível de escolaridade, de acordo com a metodologia do Projeto ALiB. Os dados foram submetidos à análise estatística (*Goldvarb 2001*) e são apresentados em percentuais e em pesos relativos (P. R.). Os resultados corroboram a divisão do país em duas grandes áreas, como propôs Nascentes, ao lado de diferenças entre as capitais do Norte e do Nordeste e semelhanças entre o *falar baiano* e o *falar nordestino*. Apontam, ainda, fatores que favorecem a manutenção das variantes médias fechadas, tanto linguísticos quanto sociais, destacando-se, entre os últimos, a faixa etária I (indivíduos entre 18 e 30 anos), o que se interpreta como indicio de mudança em direção às variantes de mais prestígio no português do Brasil.

Palabras chave

División dialectal do Brasil, Atlas Lingüístico do Brasil, vogais medias pretônicas

Sumário

1. À guisa de introdução. 2. Materiais e métodos. 3. Apresentação dos dados. 3.1. Distribuição diatópica. 3.2. Variáveis sociais. 3.3. Variáveis linguísticas. 4. O traçado de ontem e de hoje das vogais médias pretônicas nas regiões Norte e Nordeste: alguns comentários.

Abstract

In this paper, the discussion is on Nascentes (1953) proposal of dialectal division into two sub-dialects of the North (the *Amazonian* and the *Northeastern*), based on open or closed timbres of the unstressed mid vowels, compared to current data, which is part of the *corpus* of the Project *Atlas Linguístico do Brasil* – ALiB (Brazilian Linguistic Atlas), in relation to the capitals. Analysis was performed using the answers to the Phonetic-Phonological and Semantic-Lexical Questionnaires applied to 120 respondents, eight per locality, distributed among six capitals of the North region and nine capitals of the Northeast, stratified with regard to age group, gender and schooling level, according to the methodology of the ALiB Project. The data was submitted to statistical analysis (*Goldvarb 2001*) and was presented in terms of percentage and relative weights. The results corroborate the division of the country into two large areas, as proposed by Nascentes, with the differences between the capitals of the North and Northeast, and similarities between the *Baiano* and *Northeast* sub-dialects. There are also factors that favor the maintenance of the close-mid vowel variants, both linguistically as well as socially, emphasizing among the latter, the age group I (individuals between the ages of 18 and 30), which is interpreted as an indication of change in the direction of the variants of more prestige in the Portuguese language of Brazil.

Keywords

Dialectal division in Brazil, Brazilian Linguistic Atlas, unstressed mid vowels

Contents

1. Introduction. 2. Materials and methods. 3. Presentation of the data. 3.1. Diatopic distribution. 3.2. Social variables. 3.3. Linguistic variables. 4. Today's and yesterday's trace of the unstressed mid vowels in the North and Northeast regions: a few comments.

1. À GUIZA DE INTRODUÇÃO

Ao propor a divisão do Brasil em duas grandes áreas – a dos falares do Norte e a dos falares do Sul – com base na cadência e na existência de protônicas abertas em vocábulos que não sejam diminutivos nem advérbios em *-mente*, Nascentes (1953: 25) subdivide os falares do Norte em dois subfalares – o *amazônico* e o *nordestino* – e os do Sul em quatro subfalares – o *baiano*, o *fluminense*, o *mineiro* e o *sulista*.

Discute-se essa proposta de divisão dialetal, sobretudo no que se refere aos subfalares *amazônico*, *nordestino* e *baiano*, retomando, como o fizeram outros pesquisadores (cf. Cardoso 2011, Noll 2008, Hora / Santiago 2006, Razky / Santos 2009, Mota / Lopes 2016), as variantes vocálicas documentadas nessas áreas, por meio da pesquisa dialetal para a constituição do *corpus* do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB).

As hipóteses que norteiam o trabalho são: (a) os subfalares *amazônico* e *nordestino* não constituem, do ponto de vista do timbre das vogais médias pretônicas, a unidade proposta por Nascentes (1953); (b) com relação às vogais médias pretônicas, o subfalar *baiano* integra o *nordestino*, afastando-se, portanto, dos falares do Sul.

Para a análise das vogais médias pretônicas, foram aqui considerados 120 informantes, oito por localidade, distribuídos pelas seis capitais da região Norte¹ (Macapá, Boa Vista, Manaus, Belém, Rio Branco e Porto Velho) e pelas nove capitais da região Nordeste (São Luís, Teresina, Fortaleza, Natal, João Pessoa, Recife, Maceió, Aracaju e Salvador), estratificados quanto à faixa etária, sexo e nível de escolaridade, de acordo com a metodologia do Projeto ALiB.

2. MATERIAIS E MÉTODOS

O *corpus* deste estudo integra o banco de dados nacional do Projeto Atlas Linguístico do Brasil. Metodologicamente, para que se investigue a variação das vogais médias, em posição pré-a-centuada, foram abarcadas elocuições de falantes do português brasileiro, obedecendo-se aos critérios de seleção previstos, como se especificam a seguir.

Os informantes são naturais de cada uma das cidades contempladas e foram agrupados em duas faixas etárias – a primeira reúne indivíduos de 18 a 30 anos (faixa etária I), ao passo que a segunda incorpora sujeitos entre 50 a 65 anos (faixa etária II) –, divididos, equitativamente, entre os dois sexos (masculino e feminino). Nas capitais brasileiras, incluiu-se, ainda, estratificação em dois níveis de escolaridade (ensino fundamental incompleto *versus* ensino universitário completo).

Os registros linguísticos analisados foram extraídos das entrevistas realizadas em etapas anteriores por pesquisadores do Projeto ALiB, por meio da aplicação dos *Questionários 2001* (Comitê Nacional do Projeto ALiB 2001), e foram devidamente levantados a partir da escuta de dois questionários específicos: o Questionário Fonético-Fonológico (QFF) e o Questionário Semântico-Lexical (QSL).

Após a audição e transcrição dos dados, constituiu-se a amostra para este estudo a partir das respostas documentadas nas quinze capitais, considerando, conjuntamente, as duas regiões, contendo 11.074 ocorrências válidas (6.640 dados para a série das anteriores, como em *terreno*, *televisão*, *perfume*; 4.434, para as posteriores, como em *borboleta*, *borracha*, *colega*). Essas, por sua vez, foram codificadas e submetidas à análise estatística (*Goldvarb 2001*), que forneceu os elementos necessários ao exame de fatores linguísticos (contextos vocálico e consonantal), sociolinguísticos (variáveis diageracionais, diassexuais e diastráticas) e geolinguístico (variável diatópica).

Os resultados são apresentados, em percentuais e pesos relativos (P.R.).

Quanto às variáveis exploradas, ancorando-se nos pressupostos teórico-metodológicos da Sociolinguística Quantitativa (Labov 1972), particularmente na Teoria da Variação, tem-se como variável dependente a realização e não realização das variantes vocálicas médias fechadas em

¹ A capital do Tocantins, Palmas, por ter tido sua constituição territorial e ocupação recentes, em 1989, não integrou o *corpus* nacional do Projeto ALiB, assim como Brasília (DF), capital do país.

contexto pretônico. Confrontam-se, assim, em rodadas binárias, as vogais que se realizam com o timbre mais fechado [e, o] – o que a tradição denomina de *manutenção da pretônica* –, norma geral brasileira, com vogais que ora se realizam com o timbre mais aberto [é, ó], pronúncia típica de determinadas regiões brasileiras, processo compreendido como *abaixamento* ou *abertura*. Exclui-se, dessa forma, para o presente estudo, a possibilidade de as pretônicas se alternarem, ainda, com o timbre mais alto, realizando-se como [i] ou [u], fenômeno tratado como *alteamento*, *alçamento* ou *elevação* da pretônica média.

Em relação às variáveis independentes, não obstante seja possível investigar uma lista alentada de outras possibilidades, limitou-se, aqui, o número de variáveis. Foram consideradas apenas seis (duas de natureza linguística, três de natureza social e uma geolinguística), visando, sobretudo, à otimização e à melhor distribuição dos dados, a listar: (1) contexto vocálico seguinte: vogal acentuada e (2) contexto consonantal subsequente; (3) sexo, (4) faixa etária, (5) nível de escolaridade do (a) informante e, por fim, (6) a distribuição das variantes nas quinze capitais que integram as duas regiões brasileiras.

Ainda no que diz respeito aos passos metodológicos, as ocorrências de /E/ e /O/, vogais anteriores e posteriores, respectivamente, foram separadas em arquivos distintos, na etapa de codificação. É válido explicitar procedimentos adotados ainda nas etapas preliminares. O primeiro deles refere-se ao contexto em que cada vogal pretônica estava inserida: foram examinadas, somente, as pretônicas no contexto /(C)C_(C)S/, ou seja, pretônicas entre duas ou mais consoantes, por ser o mais frequente (contexto interconsonantal). O recorte inclui apenas as pretônicas orais, limitando-se ao número máximo de cinco ocorrências fônicas, do mesmo vocábulo, por informante; e abarcaram-se morfemas derivacionais (*perneta*, *caloteiro*, por exemplo), à exceção dos que contêm os sufixos de diminutivo e *-mente*, casos em que, em geral, mantêm-se o timbre da vogal tônica do vocábulo primitivo, como em *r[ó]sinha*, *caf[é]zinho*, *f[ó]rtemente*.

Como apregoa a tradição existente, a citar Bisol (1981) e Silva (1989), fez-se mister a exclusão de certas ocorrências em determinados contextos, quais sejam: pretônicas em posição inicial absoluta, como foi registrado em *elétrico*, *elefante*, *esquerdo*, *escola*, *estrada*, *orelha*, *ovelha*, *obrigado*, *odor*, *orvalho*; pretônicas que participam de ditongo (*feitico*, *beijar*, *soldado*, *ouvido*, *outubro*), mesmo monotongados, e/ou de hiato (*real*, *geada*, *mercearia*, *jelho*, *moída*, *amendoim*); e pretônicas em radicais prefixados (*interestadual*, *interurbano*) e/ou em compostos, como em *quebra-molas* e *joão-de-barro*.

3. APRESENTAÇÃO DOS DADOS

Descrevem-se e discutem-se, agora, os resultados obtidos a partir da quantificação do conjunto de dados coletados nas duas regiões brasileiras em questão. Antes, é pertinente mencionar que foram realizadas várias rodadas e, quando necessário, incluíram-se agrupamentos e amalgamações. A partir disso, construíram-se tabelas em função das variantes vocálicas fechadas (valor de aplicação).

Nas rodadas iniciais com as seis variáveis independentes, para a série anterior, /E/, todas as variáveis testadas foram consideradas igualmente relevantes pelo *Goldvarb 2001*. Na série das posteriores, /O/, as variáveis selecionadas como mais relevantes obedeceram à seguinte ordem: variáveis internas à língua ocuparam os dois primeiros lugares – *contexto vocálico seguinte: vogal acentuada* e *contexto consonântico subsequente* –, respectivamente; a seguir, a *faixa etária do (a) informante*, em terceiro lugar; a *distribuição diatópica* foi selecionada como a quarta mais relevante; e, por fim, em quinto lugar, o *sexo do (a) informante*. A variável social *nível de escolaridade do (a) informante* foi a única não considerada, pela leitura do programa, como estatisticamente relevante, tendo sido descartada nessa segunda série.

Os variados testes e rodadas possibilitaram averiguar que a distribuição diatópica é um dos fatores mais importantes para a apreciação deste fenômeno. Ademais, a análise revelou a predominância das vogais médias abertas, sobretudo na região Nordeste brasileira, apontando diferenças significativas quanto aos contextos inibidores ou favorecedores do abaixamento nas regiões em pauta.

3.1. Distribuição diatópica

Se, por um lado, os dados do ALiB vêm confirmando a divisão do país em duas grandes áreas dialetais – a do Norte, com maior frequência de vogais médias abertas, como em *t[é]rreno, c[ó]ração*, e a do Sul, com predominância das médias fechadas, como em *t[e]rreno, c[o]ração* — mostrando, assim, que “Nascentes tinha (tem) razão”, como afirmou Cardoso (1986: 53), por outro, vêm revelando, também, diferenças significativas entre os dois subfalares do Norte (o *amazônico* e o *nordestino*), ao lado de semelhanças entre um deles (o *nordestino*) e o *falar baiano*.

Com relação aos subfalares do Norte, diz Nascentes:

Os subfalares do Norte são dois: o amazônico, que abrange o Acre, o Amazonas, o Pará e a parte de Goiás que vai da faz do Aquiqui à serra do Estrondo, e o nordestino, que compreende os Estados do Maranhão, Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas e a parte de Goiás que vai da Serra do Estrondo à nascente do Paraíba. (Nascentes, 1953: 25).

E, quanto ao *falar baiano*, incluído pelo autor entre os subfalares do Sul:

[...] intermediário entre os dois grupos, abrangendo Sergipe, Baía, Minas (Norte, Nordeste e Noroeste), Goiás (parte que vem da nascente do Paranaíba, seguindo pelas serras dos Javais, dos Xavantes, do Fanha e do Pilar até a cidade de Pilar, rio das Almas, Pirenópolis, Santa Luzia e Arrendidos). (Nascentes, 1953: 25).

A análise conjunta das capitais situadas nas regiões administrativas Norte e Nordeste, correspondentes à grande parte dos falares *amazônico*, *nordestino* e *baiano*, revela a predominância de vogais fechadas na região Norte, com percentuais que variam, quanto às anteriores, entre 58%, em Belém, e 48%, em Manaus, ao lado de pesos relativos entre 0,65, em Belém, Macapá e Boa Vista, e 0,51, em Manaus; e, com relação às posteriores, entre 63%, em Belém, e 47%, em Rio Branco, com pesos relativos entre 0,76, em Macapá, e 0,52, em Rio Branco.

Quanto às capitais da região Nordeste, os percentuais para as vogais anteriores se situam entre 39%, em Teresina e Maceió, capitais que apresentam também os índices de pesos relativos mais baixos (0,36 e 0,39, respectivamente) e 48%, em João Pessoa, com peso relativo de 0,45, mesmo valor encontrado em Fortaleza e Natal. Para as vogais posteriores, os percentuais vão de 41%, também em Maceió, a 49%, em Teresina e Fortaleza, com pesos relativos entre 0,27, em Maceió e 0,47, em São Luís.

| REGIÃO | CAPITAL | VOGAIS MÉDIAS PRETÔNICAS | | | | | |
|---------------|------------------|--------------------------|------|---|-------------|---|-------|
| | | [e] | | | [o] | | |
| | | Ocor./Total | % | P. R. | Ocor./Total | % | P. R. |
| NORTE | Macapá (AP) | 256/471 | 54 | 0,65 | 180/295 | 61 | 0,76 |
| | Boa Vista (RR) | 248/458 | 54 | 0,65 | 200/371 | 54 | 0,61 |
| | Manaus (AM) | 274/573 | 48 | 0,51 | 178/363 | 49 | 0,55 |
| | Belém (PA) | 251/430 | 58 | 0,65 | 186/294 | 63 | 0,71 |
| | Rio Branco (AC) | 251/486 | 52 | 0,56 | 150/319 | 47 | 0,52 |
| | Porto Velho (RO) | 272/498 | 55 | 0,62 | 187/327 | 57 | 0,63 |
| NORDESTE | São Luís (MA) | 214/474 | 45 | 0,41 | 135/282 | 48 | 0,47 |
| | Teresina (PI) | 166/428 | 39 | 0,36 | 120/246 | 49 | 0,41 |
| | Fortaleza (CE) | 191/409 | 47 | 0,45 | 129/263 | 49 | 0,46 |
| | Natal (RN) | 203/432 | 47 | 0,45 | 121/255 | 48 | 0,43 |
| | João Pessoa (PB) | 183/379 | 48 | 0,45 | 108/244 | 44 | 0,43 |
| | Recife (PE) | 190/417 | 46 | 0,42 | 119/286 | 42 | 0,31 |
| | Maceió (AL) | 140/364 | 39 | 0,39 | 108/264 | 41 | 0,27 |
| | Aracaju (SE) | 174/413 | 42 | 0,41 | 139/310 | 45 | 0,39 |
| Salvador (BA) | 175/408 | 43 | 0,43 | 143/315 | 45 | 0,42 | |
| <i>Totais</i> | | 3.188/6.640 | 48 | - | 2.203/4.434 | 50 | - |
| | | | | <i>Input: 0,470; Significância: 0,001</i> | | <i>Input: 0,504; Significância: 0,002</i> | |

Tabela 1. Vogais médias pretônicas nas capitais das regiões administrativas Norte e Nordeste: distribuição diatópica

Verifica-se, assim, que, embora os valores referentes às variantes fechadas [e] e [o] fiquem muito abaixo dos encontrados nas regiões administrativas Sudeste e Sul e em duas capitais do Centro-Oeste, áreas que apresentam percentuais entre 75% e 100% e pesos relativos que vão de 0,66 à realização categórica, em São Paulo (cf. Mota / Lopes, 2016), as capitais da região Norte, sobretudo Belém e Macapá, não acompanham os índices baixos que se encontram nas capitais do Nordeste. E que, do ponto de vista da variação diatópica, o *falar baiano* se insere entre os *falares nordestinos*, como observado por alguns pesquisadores, a propósito de outros *corpora*, que incluem também localidades do interior do Estado, como, por exemplo, Razky / Lima / Oliveira (2012), com relação a localidades do Pará, e Dias (2014), no confronto entre Machacalis, Ouro Branco e Piranga, localidades de Minas Gerais que se situariam, segundo Nascentes, nos falares *baiano*, *mineiro* e *fluminense*, respectivamente.

3.2. Variáveis sociais

Considerando conjuntamente as duas regiões administrativas, as variáveis sociais mostram pequena diferença entre os dois sexos, as duas faixas etárias e os dois graus de escolaridade, encontrando-se índices levemente mais elevados em indivíduos do *sexo feminino* (50% x 46%, com pesos de 0,54 x 0,46, quanto à vogal anterior; e 52% x 47%, com pesos de 0,53 x 0,47, quanto à posterior), da *faixa etária I* (52% x 45%, com pesos de 0,56 x 0,45, quanto à anterior; e 55% x 45%, com pesos de 0,57 x 0,44, quanto à posterior) e, no caso das vogais anteriores, também entre os de *nível universitário* (50% x 46%, com pesos relativos de 0,52 x 0,47). Esses resultados, apesar de pouco representativos em face dos baixos índices encontrados, podem ser relacionados ao fato de as vogais médias fechadas gozarem de mais prestígio do que as abertas, sendo, inclusive, a utilizada pelos meios de comunicação em geral. Cf. Tabela 2.

| VARIÁVEIS SOCIAIS | | VOGAIS MÉDIAS PRETÔNICAS | | | | | |
|-------------------|---------------|------------------------------------|----|-------------|------------------------------------|----|-------------|
| | | [e] | | | [o] | | |
| | | Ocor./Total | % | P. R. | Ocor./Total | % | P. R. |
| Sexo | Feminino | 1.677/3.334 | 50 | 0,54 | 1.185/2.275 | 52 | 0,53 |
| | Masculino | 1.510/3.305 | 46 | 0,46 | 1.014/2.154 | 47 | 0,47 |
| Faixa etária | I | 1.590/3.066 | 52 | 0,56 | 1.139/2.083 | 55 | 0,57 |
| | II | 1.597/3.573 | 45 | 0,45 | 1.060/2.346 | 45 | 0,44 |
| Escolaridade | Universitário | 1.847/3.697 | 50 | 0,52 | 1.210/2.436 | 50 | - |
| | Fundamental | 1.340/2.942 | 46 | 0,47 | 989/1.993 | 50 | - |
| | | Input: 0,470; Significância: 0,001 | | | Input: 0,504; Significância: 0,002 | | |

Tabela 2. Vogais médias pretônicas nas regiões administrativas Norte e Nordeste (capitais): distribuição segundo as variáveis sociais

Tendo em vista que, entre os fatores sociais, é a faixa etária que apresenta diferenças mais significativas, tanto percentuais quanto de peso relativo, realizou-se, além disso, o cruzamento entre essa variável e os dados diatópicos, de modo a analisar cada capital, separadamente.

Os dados das capitais analisadas confirmam, de modo geral, a predominância das vogais médias fechadas entre os falantes da faixa etária I. Os casos em que as vogais fechadas predominam na faixa II se restringem a uma capital na região Norte (Boa Vista, quanto ao percentual da vogal posterior) e a cinco capitais do Nordeste (São Luís, Natal, João Pessoa, Recife e Maceió), que apresentam pequenas diferenças – percentuais ou de pesos relativos – entre as duas faixas, como se verifica na Tabela 3.

| CAPITAL | VOGAIS MÉDIAS PRETÔNICAS | | | | | | | | | | | |
|---|--------------------------|----|------|-----------------|----|---|-----------------|----|------|-----------------|----|------|
| | [e] | | | | | | [o] | | | | | |
| | FAIXA ETÁRIA I | | | FAIXA ETÁRIA II | | | FAIXA ETÁRIA I | | | FAIXA ETÁRIA II | | |
| | Ocor./ Total | % | P.R. | Ocor./ Total | % | P.R. | Ocor./ Total | % | P.R. | Ocor./ Total | % | P.R. |
| Macapá | 126/200 | 63 | 0,72 | 130/271 | 48 | 0,56 | 94/125 | 75 | 0,84 | 86/170 | 51 | 0,62 |
| Boa Vista | 143/224 | 64 | 0,75 | 105/234 | 45 | 0,51 | 88/172 | 51 | 0,62 | 112/200 | 56 | 0,59 |
| Manaus | 150/290 | 52 | 0,56 | 124/283 | 44 | 0,45 | 102/173 | 59 | 0,67 | 76/191 | 40 | 0,42 |
| Belém | 122/194 | 63 | 0,71 | 129/236 | 55 | 0,61 | 96/148 | 65 | 0,70 | 90/147 | 61 | 0,69 |
| Rio Branco | 135/229 | 59 | 0,65 | 116/257 | 45 | 0,47 | 86/155 | 56 | 0,64 | 64/164 | 39 | 0,45 |
| Porto Velho | 135/220 | 61 | 0,68 | 137/278 | 49 | 0,54 | 101/153 | 66 | 0,76 | 86/175 | 49 | 0,52 |
| São Luís | 91/207 | 44 | 0,43 | 123/267 | 46 | 0,41 | 65/135 | 48 | 0,44 | 70/147 | 48 | 0,49 |
| Teresina | 71/173 | 41 | 0,40 | 94/254 | 37 | 0,33 | 64/119 | 54 | 0,49 | 56/127 | 44 | 0,34 |
| Fortaleza | 104/211 | 49 | 0,50 | 87/198 | 44 | 0,44 | 75/136 | 55 | 0,56 | 54/127 | 43 | 0,38 |
| Natal | 87/190 | 46 | 0,46 | 116/242 | 48 | 0,45 | 61/117 | 52 | 0,48 | 60/138 | 44 | 0,39 |
| João Pessoa | 100/193 | 52 | 0,50 | 83/186 | 44 | 0,43 | 56/127 | 44 | 0,42 | 51/116 | 44 | 0,46 |
| Recife | 91/192 | 47 | 0,41 | 99/225 | 44 | 0,44 | 55/136 | 40 | 0,28 | 63/149 | 42 | 0,34 |
| Maceió | 73/183 | 40 | 0,38 | 67/181 | 37 | 0,40 | 61/125 | 49 | 0,36 | 47/139 | 34 | 0,22 |
| Aracaju | 78/174 | 45 | 0,48 | 96/239 | 40 | 0,37 | 63/129 | 49 | 0,46 | 76/181 | 42 | 0,37 |
| Salvador | 84/186 | 45 | 0,48 | 91/222 | 41 | 0,39 | 72/138 | 52 | 0,52 | 69/175 | 39 | 0,34 |
| <i>Input: 0,487; Significância: 0,000</i> | | | | | | <i>Input: 0,510; Significância: 0,000</i> | | | | | | |

Tabela 3. Vogais médias pretônicas nas regiões administrativas Norte e Nordeste (capitais): distribuição segundo a faixa etária do (a) informante

3.3. Variáveis linguísticas

Como apontada por diversos pesquisadores, a variação das pretônicas é condicionada, principalmente, por fatores de ordem estrutural, dentre os quais se destaca a *harmonia vocálica*, como observa Câmara Jr. (1970: 34), de referência ao que identifica como “dialeto carioca”:

No registro informal do dialeto carioca, as oposições [...] entre /o/ e /u/, de um lado, e, de outro lado, entre /e/ e /i/ ficam prejudicadas pela tendência a harmonizar a altura da vogal pretônica com a da vogal tônica quando esta é alta. Souza da Silveira, em termos fonéticos, tratou com acuidade do fenômeno (Silveira 1937, 355)², chamando-o “harmonização vocálica”. A rigor, diante de /i/ ou /u/ tônicos, /e/ e /o/ só aparecem com firmeza em vocábulos inusitados na linguagem coloquial e por isso não encontrados num registro informal, como *fremir*, e alguns outros.

Para avaliar o efeito do contexto vocálico seguinte, em se tratando de um processo assimilatório, lançou-se mão dessa ressaltante variável linguística. Para tal, apurou-se o comportamento das vogais pré-acentuadas em relação à vogal acentuada. No presente trabalho, em todas as ocorrências codificadas, a vogal tônica foi marcada, independentemente de estar ou não em posição de contiguidade. Para esses casos em que há pelo menos mais uma vogal átona antes da sílaba tônica, controlou-se em mais uma variável linguística (*contexto vocálico imediatamente seguinte: vogal inacentuada*), que não será objeto de investigação a ser tratado aqui.

Quanto à variável *vogal acentuada*, são pertinentes algumas considerações. A primeira, metodológica, realça o fato de que os segmentos vocálicos em questão foram categorizados quanto à dimensão vertical, ou seja, a altura da língua, assumindo, assim, quatro possíveis níveis (alta,

² Câmara Jr. refere-se a *Lições de Português*, Rio, 1937.

média-alta, média-baixa e baixa). Distinguiram-se, ainda, as vogais orais das nasais, visto que apresentam comportamentos dessemelhantes nos fenômenos investigados.

Os resultados apresentados na Tabela 4 indicam uma tendência maior em preservar as pretônicas como fechadas quando estão diante de vogal acentuada de mesma altura, na posição tônica. Isso pode ser verificado pelos altos índices percentuais das médias-altas, assim como os pesos relativos, que são os mais expressivos. Para a pretônica [e], em 86% das ocorrências registrou-se correspondência de altura com as acentuadas também de timbre fechado, além de peso de 0,87; para a pretônica [o], essa correlação é mais significativa, vez que os valores aumentam mais do que a anterior, registrando-se 91% dos casos da variante posterior fechada diante de médias-altas, além de um peso quase categórico de 0,94. Cf. Tabela 4.

| CONTEXTO VOCÁLICO SEGUINTE: VOGAL ACENTUADA | | VOGAIS MÉDIAS PRETÔNICAS | | | | | |
|--|---------------|--------------------------|----|---|-------------|----|-------------|
| | | [e] | | | [o] | | |
| | | Ocor./Total | % | P. R. | Ocor./Total | % | P. R. |
| Orais | Altas | 334/471 | 71 | 0,80 | 405/730 | 56 | 0,63 |
| | Médias-altas | 1.593/1.862 | 86 | 0,87 | 1.037/1.138 | 91 | 0,94 |
| | Médias-baixas | 94/542 | 17 | 0,18 | 62/667 | 9 | 0,14 |
| | Baixa | 287/774 | 37 | 0,43 | 368/1.013 | 36 | 0,21 |
| Nasais | Altas | 426/672 | 63 | 0,59 | 106/190 | 56 | 0,55 |
| | Médias | 103/1.102 | 9 | 0,12 | 44/268 | 16 | 0,04 |
| | Baixa | 351/1.217 | 29 | 0,26 | 181/428 | 42 | 0,39 |
| <i>Input: 0,470; Significância: 0,001</i> | | | | <i>Input: 0,504; Significância: 0,002</i> | | | |

Tabela 4. Vogais médias pretônicas nas regiões administrativas Norte e Nordeste (capitais): contexto vocálico seguinte – vogal acentuada (por altura)

As vogais pretônicas [e, o] tendem a se manter fechadas, ainda, em outro ambiente linguístico favorável: na presença de vogais acentuadas altas, tanto orais (71% e peso relativo de 0,80 para a variante anterior; 56% e 0,63, para a posterior) quanto nasais (63% e peso relativo de 0,59 para a variante anterior; 56% e 0,55, para a posterior).

Por outro lado, as pretônicas, tanto anteriores quanto posteriores, têm uma maior probabilidade de se tornarem médias abertas no contexto de tônica também de timbre aberto (médias -baixas), médias nasais e diante da vogal baixa [a], tanto oral quanto nasal. Dessa forma, mantém-se a mesma correlação que foi verificada para as variantes fechadas, perante uma tônica de mesma altura. Ademais, como foi possível verificar na Tabela 4, os menores pesos relativos, que são desfavorecedores das variantes fechadas [e] e [o], 0,12 e 0,04, respectivamente, atribuídos à presença de vogais tônicas médias nasais, assinalam a nasalidade como traço favorecedor para o abaixamento das vogais médias, como já relatado por Silva (1989) para a variedade culta falada em Salvador (BA).

Amplia-se essa discussão, agrupando-se os fatores acima mencionados, para a vogal acentuada, em apenas dois: vogal tônica oral e vogal tônica nasal. Os valores obtidos nessas novas rodadas apontam para um favorecimento apenas para vogais acentuadas orais (63% e peso relativo de 0,68 para a variante anterior; 53% e 0,55, para a posterior); por conseguinte, as nasais tônicas desfavorecem a realização fechada das variantes vocálicas (29% e peso relativo de 0,28 e 37% e 0,32, respectivamente, para as anteriores e posteriores). A nasalidade da sílaba tônica, de modo geral, porém, atua em favor do abaixamento da pretônica, como já constatado nas observações referentes à descrição da vogal acentuada por altura. Cf. Tabela 5.

| VOGAL ACENTUADA | VOGAIS MÉDIAS PRETÔNICAS | | | | | |
|---|--------------------------|----|---|-------------------|----|-------------|
| | [e] | | | [o] | | |
| | Ocorrências/Total | % | P. R. | Ocorrências/Total | % | P. R. |
| Oral | 2.307/3.648 | 63 | 0,68 | 1871/3547 | 53 | 0,55 |
| Nasal | 880/2.991 | 29 | 0,28 | 328/882 | 37 | 0,32 |
| <i>Input: 0,471; Significância: 0,001</i> | | | <i>Input: 0,495; Significância: 0,022</i> | | | |

Tabela 5. Vogais médias pretônicas nas regiões administrativas Norte e Nordeste (capitais): contexto vocálico seguinte – vogal acentuada (por nasalidade)

Para além da altura da vogal acentuada, outra variável linguística amplamente utilizada para explicar o vocalismo pretônico é o ambiente fonético em que se situa a vogal pré-acentuada, identificando-se, assim, consoantes que a precedem e/ou seguem-na. A literatura existente costuma, frequentemente, atribuir pesos bastante favoráveis a uma possível influência do contexto consonantal na alternância vocálica. De modo geral, as pesquisas enfatizam o ponto de articulação. A análise a seguir revela os resultados, exclusivamente, para o contexto consonântico subsequente. Os segmentos consonantais foram classificados conforme os pontos de articulação labial, coronal e dorsal.

Para [e], a presença de uma consoante labial, em posição precedente à pretônica, como ocorreu no *corpus* em *neblina*, *semáforo* e *demônio*, revelou-se como único contexto favorecedor à aplicação da regra (73% e peso relativo de 0,75). Uma consoante coronal, como em *presente*, *sereno*, *setembro* e *medalha*, mostrou-se neutra na preservação da pretônica fechada, com 48% e peso relativo de 0,50. Já a presença de uma consoante dorsal – *pecado*, *perdida*, *seguro* e *pegador* –, para a variante anterior, desfavorece a manutenção (25% e peso relativo de 0,27).

Para a pretônica [o], o contexto consonântico subsequente com ponto de articulação labial, assim como ocorreu para a variante [e], em *camomila*, *menopausa*, *novembro* e *travão*, por exemplo, manifestou-se, do mesmo modo, como o único ambiente favorecedor à manutenção, com 66% e peso relativo de 0,88, mais expressivo do que o valor atribuído à variante vocálica anterior (0,75). Ainda em relação à pretônica [o], a consoante dorsal, como em *advogado*, *gogó*, *provocar*, apresentou comportamento neutro (peso relativo de 0,50), apesar de 63% de ocorrências, e a coronal, como em *inocente*, *procição*, *coração* e *solução*, por sua vez, desfavoreceu a aplicação (34% e peso relativo de 0,31). Cf. Tabela 6.

| CONTEXTO CONSONÂNTICO SUBSEQUENTE | VOGAIS MÉDIAS PRETÔNICAS | | | | | |
|---|--------------------------|----|---|-------------------|----|-------------|
| | [e] | | | [o] | | |
| | Ocorrências/Total | % | P. R. | Ocorrências/Total | % | P. R. |
| Labial | 1.077/1.478 | 73 | 0,75 | 520/788 | 66 | 0,88 |
| Coronal | 1.713/3.580 | 48 | 0,50 | 704/2.090 | 34 | 0,31 |
| Dorsal | 397/1.581 | 25 | 0,27 | 976/1.553 | 63 | 0,50 |
| <i>Input: 0,470; Significância: 0,001</i> | | | <i>Input: 0,504; Significância: 0,002</i> | | | |

Tabela 6. Vogais médias pretônicas nas regiões administrativas Norte e Nordeste (capitais): contexto consonântico subsequente (por ponto)

Os resultados encontrados para o *contexto consonântico subsequente* não permitem, ainda, afirmações conclusivas a respeito do que se perscruta na variação desse fenômeno linguístico. Uma reflexão mais satisfatória será feita a partir de novos estudos sobre os dados, mais aprofundados, considerando, assim, a frequência dos itens, assim como a possibilidade de inclusão

de novas variáveis, outros agrupamentos e/ou reformulações nos grupos já explorados, para, a partir daí, promover novas e profícuas discussões.

4. O TRAÇADO DE ONTEM E DE HOJE DAS VOGAIS MÉDIAS PRETÔNICAS NAS REGIÕES NORTE E NORDESTE: ALGUNS COMENTÁRIOS

O primeiro traçado, ainda no século XX, de caráter eminentemente dialetológico, da variação das vogais médias <e, o> antes de acento, permitiu, preambularmente, um primeiro esboço do mapeamento das diferenças linguísticas que marcam a fala dos brasileiros.

A clássica proposta de divisão dialetal em subfalares, de Nascentes, de 1922 e reformulada em 1953, ganha novas perspectivas de abordagem do tema, quando analisada sob o prisma variacionista, sobretudo no que diz respeito às condições, favoráveis ou não, para a aplicação de regras que tornem tais vogais, em diferentes proporções, tão variáveis.

Ao dar continuidade à pesquisa sobre o vocalismo pretônico, que consta de um vasto referencial sobre o tema (cf. Chaves 2013), consubstanciado em produção acadêmica e científica considerável, lança-se mão de novas possibilidades de investigação, isto é, potencialidades advindas da integração de pesquisa de cunho dialetal ao aparato teórico-metodológico da Sociolinguística Variacionista.

Com o Projeto Atlas Linguístico do Brasil, estribado na Geolinguística Pluridimensional Contemporânea (Cardoso 2010), com um *corpus* nacional regido pelos mesmos critérios metodológicos, que tencionou a ser unificado, amplia-se a visão de *ontem*, ao contar, agora, com dados de língua de *hoje*.

Esse novo traçado, que começou a ser mais bem esboçado com a publicação dos dois primeiros volumes do *Atlas Linguístico do Brasil* (Cardoso et al. 2014), dá indícios de demarcação de uma isoglossa que fraciona o “falar brasileiro”, quanto à realização das vogais pretônicas, como já observado noutro traçado. Aproxima-se, assim, da divisão de Nascentes, não obstante se possa reconhecer, como o presente estudo evidenciou, basicamente, duas relevantes dissensões.

A primeira delas refere-se ao fato de que a região Norte não pode ser caracterizada como uma área de vogais abertas, como descrito por Nascentes. As pretônicas abertas são marcas dia-tópicas, possivelmente, circunscritas ao Nordeste brasileiro (dados percentuais inferiores e pesos relativos desfavoráveis às variantes fechadas, nas duas séries anterior e posterior, em todas as capitais dessa região), realidade linguística delineada, até então, a partir dos dados apenas das capitais.

Os resultados permitiram, também, averiguar provável similitude quanto ao comportamento do subfalar *baiano* em relação ao *nordestino*, acreditando-se, como hipótese futura de novas investigações, que aquele segue o comportamento deste com gradações diferentes nas frequências de uso, constituindo-se, ambos, preferencialmente, em área de vogais abertas, em oposição a áreas de fechamento, como ocorre, caracteristicamente, nas regiões Sudeste e Sul.

O exame dos dados probabilísticos indica fatores favorecedores, como advoga a literatura existente, não podendo, dessa forma, assumir que haja apenas um fator desencadeador do processo de variação em causa. A análise estatística comprovou que as pretônicas médias tendem a manter o mesmo timbre da vogal acentuada, mas não de forma categórica, como foi possível verificar na manutenção das variantes fechadas [e, o], que são favorecidas, também, por outros contextos.

Os resultados permitiram, ainda, asseverar o papel da nasalidade como ambiente linguístico expressivamente favorável à abertura das vogais. A nasalidade da sílaba tônica, sobretudo as médias nasais, que, como argumentado por Seara (2000), são mais baixas do que as suas correspondentes orais, e a vogal baixa [a], tanto oral como nasal, atuam no abaixamento da pretônica. Soma-se a esse processo o fato de as pretônicas abertas ocorrerem, também, significativamente, quando a tônica é da mesma altura. Como já observado por Silva (1989), todos os contextos diferentes de [e, o], vogais médias-altas, são favorecedores de abertura da pretônica, o que justifica os altos índices de abaixamento em contexto de vogal nasal seguinte,

embora os dados aqui apresentados tenham excluído as altas nasais como favorecedoras da abertura.

A apreciação de contextos favoráveis à variação pretônica no português brasileiro, ao lado da distribuição diatópica desse fenômeno, objeto do presente artigo, permitiu, ainda, para além de aspectos segmentais, como a atuação das vogais e das consoantes, apurar fatores sem significância estatística, conquanto se reconheça que eles precisam ser explorados novamente, considerando a realidade de cada localidade, a citar os fatores sociolinguísticos, que sinalizaram um maior uso das variantes vocálicas fechadas na fala dos mais novos.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Bisol, Leda (1981): *Harmonização vocálica: uma regra variável*. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Tese de doutoramento. <https://searchworks.stanford.edu/view/1712103>.
- Câmara Jr., Joaquim Mattoso (1970): *Estrutura da língua portuguesa*. Petrópolis: Editora Vozes.
- Cardoso, Suzana Alice (1986): "Tinha Nascentes razão? Considerações sobre a divisão dialetal do Brasil", *Estudos Linguísticos e Literários* 5, 47-59.
- Cardoso, Suzana Alice (2010): *Geolinguística: tradição e modernidade*. São Paulo: Parábola.
- Cardoso, Suzana Alice (2011): "As vogais pretônicas no Brasil: fotografias diatópicas a partir dos dados do ALiB", em Conceição de Maria de Araújo Ramos / José de Ribamar Mendes Bezerra / Maria de Fátima Sopas Rocha (orgs.), *Anais do I Congresso de Dialectologia e Sociolinguística*. São Luís: UFMA, 44-49 (Edição Eletrônica).
- Cardoso, Suzana Alice et al. (2014): *Atlas Linguístico do Brasil*, 2 vols. Londrina: EDUEL.
- Chaves, Idalena Oliveira (2013): *Panorama dos estudos das vogais pretônicas no Português do Brasil: meta-análise das pesquisas desenvolvidas de 1980 a 2012*. Universidade Federal de Minas Gerais. Tese de doutoramento. <http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/handle/1843/MGSS-9LZP4Y>.
- Comitê Nacional do Projeto ALiB (2001): *Atlas Linguístico do Brasil: questionários 2001*. Londrina: EDUEL.
- Dias, Melina Rezende (2014): *Estudo comparativo da variação das vogais médias pretônicas em falares mineiros*. Universidade Federal de Minas Gerais. Tese de doutoramento. <http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/handle/1843/MGSS-9PPQHP>.
- Hora, Dermeval / Solange Santiago (2006): "Vogais pretônicas no Norte do Brasil: o falar de Macapá", em Jânia Ramos (org.), *Sociolinguística: os quatro vértices do GT da ANPOLL*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 21-36.
- Labov, William (1972): *Sociolinguistics patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press.
- Mota, Jacyra Andrade / Paulo Henrique Lopes [2016]: "Vogais médias pretônicas nas capitais brasileiras, com base nos dados do *Atlas Linguístico do Brasil* (ALiB)", em Cardoso et al. (orgs.), *Atlas Linguístico do Brasil*, vol. 3. Londrina: EDUEL (no prelo).
- Nascentes, Antenor (1953): *O linguajar carioca*. Rio de Janeiro: Simões.
- Noll, Volker (2008): *O português brasileiro: formação e contrastes*. São Paulo: Globo.
- Razky, Abdelhak / Alcides Fernandes de Lima / Marilúcia Barros de Oliveira (2012): "As vogais médias pretônicas no falar paraense", *Signum: Estudos da linguagem* 15/1, 293-310. <http://dx.doi.org/10.5433/2237-4876.2012v15n1p293>
- Razky, Abdelhak / Edinaldo G. dos Santos (2009): "O perfil geolinguístico da vogal /e/ no Estado do Pará", em Silvana Soares Costa Ribeiro / Sônia Bastos Borba Costa / Suzana Alice Marcelino Cardoso (orgs.), *Dos sons às palavras. Nas trilhas da língua portuguesa. Homenagem a Jacyra Andrade Mota*. Salvador: EDUFBA, 17-39.
- Seara, Izabel Christine (2000): *Estudo acústico-perceptual da nasalidade das vogais do português brasileiro*. Universidade Federal de Santa Catarina. Tese de doutoramento. <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/78117>.
- Silva, Myrian Barbosa da (1989): *As pretônicas no falar baiano: a variedade culta de Salvador*. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Tese de doutoramento.